

O IMPACTO DAS EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS NA SAÚDE MENTAL

Camila Aparecida da Silva Albach, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Evelyn Grathieva Galvão, Universidade Cesumar (UNICesumar)

Reidy Rolim de Moura, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Introdução

As questões relativas às emergências climáticas¹ e à saúde mental precisam ser discutidas de forma abrangente e com um forte compromisso de todos que se preocupam com o bem-estar do próximo. Não podemos mais alegar que essa responsabilidade não nos diz respeito, visto que. “[...] o consumo exagerado de produtos e serviços por uma parcela da sociedade, compromete a exploração de recursos naturais, provocando mudanças significativas no aumento da poluição do nosso planeta.” (Santos, 2022, p.3).

As emergências climáticas em todo o mundo têm impactado a vida de todas as pessoas, sem distinção de lugar ou tempo. Há uma interligação entre diversos fenômenos: inundações, incêndios florestais, fortes ondas de calor, temperaturas extremas e um aumento na frequência de eventos extremos.

É importante ressaltar que essas emergências climáticas afetam de maneira desproporcional as populações mais pobres e vulneráveis, que não possuem recursos adequados para se proteger, como por exemplo, em situações de calor extremo não possuem acesso a recursos como ar condicionado e ventiladores. Algumas comunidades não possuem nem acesso a água potável e saneamento, o que tende a afetar não somente sua saúde mental como também física.

Cabe destacar que as repercussões se manifestam em várias esferas da sociedade e influenciam a vida das pessoas em diversos aspectos, incluindo questões sociais, econômicas, de segurança alimentar e saúde, com destaque para o emocional que é afetado devido ao estresse e a quantidade excessiva de informações negativas sobre a conservação do planeta.

Dessa forma, o psicológico da população é afetado, uma vez que não há como abordar a qualidade de vida sem considerar ambientes limpos, arejados, solidários e saudáveis. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é discutir sobre os impactos das emergências climáticas na saúde mental da população.

¹ Optou-se pelo uso do termo “emergências climáticas” e não “mudanças climáticas” devido a urgência em discutir sobre as alterações no clima e no meio ambiente, que já não são apenas mudanças comuns e naturais e sim repletas de interferência da ação humana no planeta.

A metodologia empregada na construção do estudo envolveu uma revisão bibliográfica, usando sites, livros, revistas e demais textos, de caráter exploratório descritivo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e reflexiva sobre as temáticas abordadas. Cabe informar que não pretende-se esgotar as discussões e sim contribuir com a importância e urgência do tema.

Resultados

No mundo todo a crise climática tem ganhado destaque nos debates, principalmente depois que a Organização das Nações Unidas (ONU) institucionalizou em 2015 a "Agenda 2030" que promove 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) nas esferas econômica, social e ambiental. O desenvolvimento sustentável tem como objetivo integrar e engajar todas as parcelas da sociedade, reconhecendo a importância de atender às necessidades humanas ao mesmo tempo que se preserva o meio ambiente como um todo interconectado.

A transformação climática está reduzindo o nível dos rios, aumentando a frequência de incêndios florestais, ocasionando enchentes extremas, desastres naturais (ou não-naturais) e modificando as estações do ano. Essas alterações são prejudiciais ao meio ambiente, espaços estes dos quais dependemos tanto para nossa vivência, alimentação, habitação e impactam negativamente nossa saúde mental, “Um relatório da ONU recentemente publicado observou que os casos de problemas de saúde mental são resultantes de condições climáticas extremas e do aumento das temperaturas” (National Geographic Brasil, 2023).

Diante da incerteza sobre a capacidade de adaptação e o sentimento de impotência diante das emergências ambientais, a saúde mental é diretamente afetada, podendo agravar ou causar transtornos psicológicos. As pessoas que perdem suas casas em enchentes, por exemplo, enfrentam o Transtorno de Estresse Pós Traumático (TEPT), ansiedade e depressão, apresentando sintomas como distúrbio do sono, hipervigilância, entre outros.

Como consequência de desastres climáticos temos transtornos emergentes como a eco ansiedade, onde é constantemente apresentando sintomas de angústia sobre questões ambientais. A psicologia já estuda esses impactos, buscando compreender e atuar nos impactos emocionais, a relação entre meio ambiente e saúde mental é discutida sob a ótica da ecopsicologia (Carvalho, 1950), mas a sociedade ainda não está preparada para lidar com essa crise e a dimensão das emergências climáticas.

Considerando o objetivo da psicologia concreta em discutir temas atuais relacionados à formação da subjetividade, utilizando o Materialismo Histórico Dialético, é preciso entender esses fenômenos como resultados de diversas influências que vêm das relações sociais. Para

Politzer, “[...] a psicologia concreta tem, por definição, a incumbência de promover interpretações, de compreender e dar sentido às ações dos homens situando-as no interior de suas histórias individuais.” (Noto, 2018, p.11-12).

E essas relações e interações sociais estão convivendo em um ambiente que está prejudicando o andamento das rotinas, por exemplo, em Março de 2025, no Rio Grande do Sul (RS), as aulas foram suspensas pela Secretaria Municipal de Educação por conta das altas temperaturas de calor. Além disso, é importante que façamos uma nova crítica construtiva sobre a psicologia, considerando suas implicações tanto na área psicológica quanto na educacional, o que torna o debate acerca do impacto das emergências climáticas essencial, uma vez que tem afetado as relações humanas e tornando a convivência social mais desgastante.

Segundo o jornal da USP (2024), a Associação Americana de Psicologia divulgou que 25% a 50% das pessoas expostas a um desastre climático têm risco de desenvolver problemas de saúde mental. E faz-se necessário reafirmar que “[...]os impactos da mudança climática na saúde mental acontecem de forma diferente para cada pessoa afetada, dependendo de alguns fatores como status socioeconômico, gênero e idade.” (Nações Unidas Brasil, 2022). Ou seja, a análise precisa considerar o contexto como um todo do indivíduo, o cultural, político, econômico, social e ambiental.

Considerações Finais

Considerando a base materialista da psicologia concreta que de certo modo se une às lutas sociais em busca de uma nova ordem social, podemos dizer que trata-se de uma psicologia revolucionária.

Diante do aumento dessa ecoansiedade ou ansiedade climática, podemos concluir que essa temática ainda não teve o devido reconhecimento mesmo que se manifeste de forma emergente. A questão aqui é que esse sofrimento ainda não foi visualizado, assim como não observamos com mais criticidade e atenção os impactos e danos que as mudanças e emergências climáticas extremas já estão causando àqueles que são marginalizados e têm condições de vida mais precárias.

O primeiro passo para uma ação efetiva de proteção a essa ação é o engajamento social, incluindo a participação de comunidades, para reafirmar os direitos humanos, para lutar pelos benefícios ambientais, por ter um ambiente sustentável de convivência.

Todos os países que firmaram o compromisso com a Agenda 2030 da ONU deveriam também estar envolvidos e engajados nos impactos negativos que as emergências climáticas

têm tido na vida das pessoas. Se prezar por um desenvolvimento sustentável é considerar o bem-estar das pessoas e do planeta, é preciso que o psicológico ganhe espaço. Apesar da variedade de ODSs e de suas dimensões, ainda não é possível observar uma relação direta entre ambiental e mental.

Os efeitos das emergências climáticas estão se tornando cada vez mais prevalentes em nossas vidas diárias, e há muito pouco apoio à saúde mental disponível para indivíduos e comunidades que lidam com riscos de longo prazo e perigos relacionados ao clima. É preciso aumentar os investimentos em políticas públicas e sociais que prezam pela atenção psicossocial da sociedade, em especial no contexto da redução de riscos de desastres, com o intuito de colaborar com a melhor proteção aqueles que estão em maior risco.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Marco Aurélio Biblio. ESCUTANDO A VOZ DA TERRA: UMA (ECO) PSICOLOGIA PARA A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA. **Cadernos Junguianos nº 18-2024**, 1950, p. 28.

JORNAL DA USP. **Ecoansiedade afeta com mais intensidade populações vulneráveis**. Ribeirão Preto, 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/ecoansiedade-afeta-com-mais-intensidade-populacoes-vulneraveis/>. Acesso em: 28 de mar. 2025.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **OMS quer saúde mental como prioridade em planos de ação climática**. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/185205-oms-quer-sa%C3%BAde-mental-como-prioridade-em-planos-de-a%C3%A7%C3%A3o-clim%C3%A1tica>. Acesso em: 28 de mar. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **As ameaças ocultas da mudança climática: medo, ansiedade e depressão**. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/03/as-ameacas-ocultas-da-mudanca-climatica-medo-ansiedade-e-depressao>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

NOTO, C. de S. Psicologia concreta e humanismo: Foucault crítico de Politzer. **Cadernos De Ética E Filosofia Política**, 2(33), 6-20, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v2i33p6-20>. Acesso em: 28 de mar. 2025.

SANTOS, Adalcio Machado. MEIO AMBIENTE, MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE COLETIVA. **Revista Foco**, Curitiba (PR), v.15.n.1, 2022.